

obras completas

JOÃO JOSÉ  
COCHOFEL

*opiniões  
com data*

**CAMINHO**

shi

OPINIÕES  
COM DATA  
JOÃO JOSÉ  
COCHFEL

OPINIÕES  
COM DATA

**OPINIÕES COM DATA**

Autor: João José Cochofel

Capa e arranjo gráfico: Secção Gráfica da Editorial Caminho

Revisão: Secção de Revisão da Editorial Caminho

© Editorial Caminho, SA, Lisboa — 1990

Tiragem: 3000 exemplares

Composição e impressão: Guide-Artes Gráficas, Lda.

Data de impressão: Outubro de 1990

Depósito legal n.º 34019/90

ISBN 972-21-0509-4

Shi

Em resumo: Saraiva demonstra à sociedade possuir apenas vagas noções acerca destes problemas, que seria sem dúvida interessante e útil discutir, mas depois de um conveniente estudo das suas bases filosóficas elementares, não os reduzindo a esquemas primários.

(Lisboa, Novembro de 1966.) *Tudo isto não passa hoje de velharias aceites e proclamadas urbi et orbi. Mas quantos dissabores, arrelias e calúnias não custaram a quem tentou integrá-las no próprio corpo da teorização neo-realista!*

*Ora quis o acaso, que às vezes se diverte a pregar destas partidas, que, precisamente na altura em que me propunha trasladar para aqui esta minha longínqua participação numa deplorável polémica, me caísse debaixo dos olhos um artigo de António José Saraiva, publicado no suplemento de «Cultura e Arte» do Comércio do Porto do dia 8 deste mês, e no qual intenta demonstrar como é absurda a concepção, «aliás admitida por muita gente como coisa óbvia, segundo a qual a obra de arte seria um documento, no sentido em que é documento um atestado». Logo aqui se começa por torcer o nariz à confusão, porque toda a obra de arte, embora muito mais que documento, é também documento. Prosigamos todavia com a transcrição, apesar de longa:*

*«A hipótese contrária supõe que a obra de arte é tanto mais arte quanto mais é e menos representa. O ser dela estaria nela mesma e não noutra coisa exterior a ela. A sua realidade consistiria não na realidade doutra coisa mas na realidade dela mesma, isto é, na sua autenticidade. Na medida em que tendesse a ser símbolo ou representação tenderia a perder a sua natureza de arte.*

*«Esta última hipótese é evidentemente a única que pode ser assumida por um crítico ou historiador da arte, visto que a condição para que exista uma análise ou uma disciplina é a existência de uma matéria definida e com características próprias.*

*«Se a arte não tem ser próprio os historiadores e críticos da arte são criaturas ociosas.*

*«Não é esta, evidentemente, a hipótese de trabalho daqueles que procuram na arte a comprovação de teses sociológicas, socioeconômicas, ideológicas, etc. Mas esses abusam ou enganam-se quando se fazem passar por críticos literários ou artís-*

*ticos. E mesmo sob o ponto de vista da análise sociológica ou socioeconómica a ideia de que o texto literário ou qualquer outra criação estética é um reflexo, um espelho, uma confissão, um registo, um atestado, leva a conclusões completamente ilusórias.»*

*Sempre atento aos ventos dominantes, Saraiva passou em três lustros de um extremo ao outro, e com a serenidade afirmativa de quem nunca tivesse dito coisa diferente. Mas continua a ser tão simplista quando afirma que é a autonomia da arte, «levada a um grau extremo, que permite às obras mais notáveis navegar como uma arca de Noé sobre as águas mudáveis do tempo», porquanto «em lugar de serem significantes de um significado exterior a elas, são elas mesmo objectos a que se atribuem significados», como no tempo em que me fulminava com a acusação de ser eu a «ignorar ou subestimar o problema do conteúdo da obra de arte» e de a considerar como «transcendendo por isso o espaço e o tempo». O que Saraiva não compreendia, nem pelos vistos foi ainda capaz de compreender, é o movimento dialéctico pelo qual a realidade da arte consiste ao mesmo tempo «na realidade de outra coisa» e «na realidade dela mesma», e por isso se tem confinado a um dos pólos opostos. Que melhor crítica, aliás, ao Saraiva de 1952, do que estas palavras do Saraiva de 1966?:*

*«O facto de um crítico ou historiador discutir a doutrina de uma obra de arte como quem discute um manifesto ou um sermão é mau sinal: é sinal de que pouco tem a dizer sobre a obra mesma. E isto só pode acontecer ou porque a obra, como arte, não existe; ou porque o crítico lhe é insensível e nesse caso é ele que não existe.»*

*Até que enfim, estamos de acordo.*

*(Lisboa, Março de 1967.) Pedem-me o meu depoimento para uma publicação colectiva consagrada aos problemas da arte, o que penso da sua natureza e da sua função.*

*Uma teoria da arte? Quem a não tem? Todas as nossas opções, as do homem comum ou as do intelectual, quando nos mostramos agradados ou desagradados de um tecido, de uma fita de cinema, de um papel de embrulho, da capa de um disco, de um*